

FH diz que elites tiveram que aceitá-lo

MONICA TORRES MAIA

O candidato da coligação PSDB-PFL-PTB à Presidência da República, senador Fernando Henrique Cardoso, afirmou anteontem à noite, no Rio, que as elites brasileiras foram obrigadas a apoiar seu nome.

— Eu não tenho dúvidas sobre isso — disse.

Lembrando que as elites pensaram antes em apoiar o petista Luiz Inácio Lula da Silva ou o peemedebista Orestes Quêrcia, Fernando Henrique assegurou que não se ganham eleições com apoios deste gênero.

— Ninguém ganha eleição com elite. Ganha eleição tendo propostas capazes de sensibilizar o país. Agora, elite faz propostas também — admitiu.

Sentado na varanda da mansão do filho Paulo Henrique e rodeado pela família, o tucano estava elegantemente vestido, de paletó azul-marinho, e demonstrava tranquilidade de vencedor. Mesmo quando tentou desconversar sobre o teor das primeiras palavras de seu discurso de posse — “não estou eleito” — declarou sua simpatia em relação à expressão “meu povo”, com que abriu seus discursos nos últimos comícios. No encontro ontem com o cardeal-arcebispo do Rio, dom Eugenio Sales, conversou sobre a posse no dia 1º de janeiro, contando que fará nesta data uma cerimônia formal e realizará nova festa depois para os chefes de Estado convidados.

Na entrevista, o tucano abusou do tom professoral até para ironizar os adversários:

— Infelizmente (ou felizmente, corrigiu depois entre risos), os meus companheiros não lêem sociologia eleitoral.

E alfinetou Lula, o principal adversário dos últimos meses:

— Esta coisa de dar o tom emocional, vemos que é marketing.

O viés do sociólogo impregnou as respostas do agora relaxado político Fernando Henrique, principalmente quando anunciou o fim do fisiologismo no Brasil, afirmando que o país mudou e não aceita nem a retórica nem a demagogia que antes eram habituais. Segundo ele, até os caciques foram obrigados a se adequar:

— Os que têm peso não são caciques. Foram competentes e viram que as coisas mudaram — explicou, dizendo que o ex-governador baiano Antônio Carlos Magalhães (PFL) “percebeu que as coisas tinham mudado” e mantém cerca de 60% das intenções de voto na Bahia.

O que está realmente em discussão, frisou o tucano, são os tipos de mudança de que o Brasil necessita. Indagado se seria capaz de fazer essas mudanças mesmo com a coligação que o apoia, Fernando Henrique recomendou cursos de sociologia para entender o processo, lembrando que as negociações no Congresso para a implantação do Plano Real já contavam com o PFL, o PTB e todo o Governo:

— Isso é coisa antiga. A sociedade não muda assim.

Trinta e sete horas antes de depositar seu voto na urna, o candidato tucano revelou também que as maiores emoções da campanha foram vividas nas regiões Nordeste e Norte:

— Me comoveu ver o povo mais sofrido do sertão e no Pará, numa cidade (inicialmente não lembrou o nome)... Santarém, ver aquela população bastante pobre, numa pior e com confiança. Eu nunca me preocupei com acusações sobre o Real, porque o povo não está votando às cegas.

Fernando Maia



Fernando Henrique e Ruth na casa do filho Paulo Henrique, em São Conrado

“Ninguém ganha eleição com elite. Ganha quem tem propostas que sensibilizam o país,”

“Eu nunca me preocupei com acusações sobre o Real. O povo não vota às cegas,”

Fernando Henrique Cardoso

Fernando Maia



O candidato tucano, à frente de Ruth, é cumprimentado por um eleitor no Rio: tranquilidade na véspera da eleição